



---

## A INGLATERRA VISTA POR JAIME BATALHA REIS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

\*\*\*

### ENGLAND SEEN BY JAIME BATALHA REIS IN JOURNALISTIC TEXTS

Paula Simone Fernandes Esteves<sup>1</sup>  
Simone Alves Cipriano<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 07/02/2017

**Data de aceite:** 15/04/2017

**RESUMO:** O presente artigo tem em vista observar e refletir sobre as imagens de Inglaterra configuradas em páginas de imprensa do diplomata e escritor português Jaime Batalha Reis (1847-1935), a partir de um imaginário construído durante o período de suas atividades diplomáticas em Inglaterra. Tendo como foco primordial o texto *Aspectos Ingleses (Do diário de um residente em Inglaterra)* publicado em 1886, na revista *A Ilustração*, compoendo as correspondências de imprensa de Batalha Reis para Portugal e Brasil. Num texto jornalístico de cunho literário, o intelectual traça um perfil da sociedade inglesa conformada na relação de eu com o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jaime Batalha Reis; Literatura e Imprensa; Jornalismo; Imaginário; Trocas culturais.

**ABSTRACT:** This article intends to observe and to reflect on the images of England configured in press pages of the portuguese diplomat and writer Jaime Batalha Reis (1847-1935), from an imaginary built during the period of his diplomatic activities in England. Having as main focus the text *English Aspects (From the Journal of a resident in England)* published in 1886 in the magazine *A Ilustração*, composing the press correspondence of Batalha Reis to Portugal and Brazil. In a journalistic literary text, the intellectual traces a profile of English society shaped in the relationship of self with the other.

**KEYWORDS:** Jaime Batalha Reis; Literature and Press, Journalism; Imaginary; Cultural exchanges.

---

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *campus* de Tangará da Serra. Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de pós-graduação *strictu sensu* em Estudos Literários – PPGEL. Contato: paulafetga@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, *campus* de Tangará da Serra-MT. Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de pós-graduação *strictu sensu* em Estudos Literários – PPGEL. Contato: Simone2014.life@outlook.com





A imprensa no Brasil apresenta dois marcos fundadores: a criação do *Correio Brasiliense*, por Hipólito Jose da Costa, publicado em Londres e a fundação da *Gazeta* do Rio de Janeiro, ambos em 1808. A partir da segunda metade do século XIX começaram a estreitar-se as relações literatura e imprensa com o surgimento de diversos periódicos, entre os quais sobressaiu-se a *Gazeta de Notícias* fundada em 1875, como um projeto que vem corroborar no fortalecimento desta união entre a literatura e o jornalismo. Foi um jornal idealizado e levado a cabo por Ferreira de Araújo, Elísio Mendes, Henrique Chaves e Manuel Carneiro e se conduziu com sucesso já que trouxe um diferencial para a imprensa carioca, o seu caráter popular. Era uma publicação acessível e, por isso, passou a abranger um público maior favorecendo o crescimento da imprensa bem como o do público leitor.

Em relação à aproximação entre o jornalismo e a literatura, a *Gazeta* se apresentou como um projeto jornalístico com a função de transcender o tradicionalismo da informação: ela também difundiu as artes, mais especificamente a literatura, divulgando talentos e se constituindo num instrumento de diálogo social, cultural, político e intelectual. Esse grande intento consolidou a imprensa carioca bem como projetou muitos nomes da literatura na época, consagrando o elo que cresceria a partir daí entre a literatura e a imprensa.

O trato com a literatura nas páginas do jornal imprimiu um caráter moderno na imprensa brasileira, formando um ambiente de trocas. Enquanto os literatos contribuíam para direcionamentos do jornal, este favorecia a divulgação do trabalho desses mesmos escritores, pois a publicação de seus livros em volume ainda não alcançava o público leitor como hoje e muitos deles primeiramente eram ali divulgados parceladamente.





---

Outro aspecto da *Gazeta de Notícias* foi o de criar um espaço de relações e trocas culturais entre o Brasil e Portugal mediante a contribuição de escritores portugueses, atuando enquanto correspondentes na Europa, precisamente em Portugal, França e Inglaterra, ampliando assim as fronteiras nacionais e constituindo uma baliza para compreensão das relações literárias entre Brasil e Portugal.

Não podemos deixar de lembrar que esta correspondência internacional, propiciada pelas páginas da *Gazeta*, ofereceu-nos uma visão sobre os europeus. Claro que esta visão é constituída pela imagem do outro criada pelos olhos de um eu, sendo esse eu um correspondente. Para mencionar alguns dos principais deles fiquemos com Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis que exerceram tal função na Inglaterra, donde enviavam artigos para o Brasil. Este último menos conhecido, constitui, sem dúvida, uma figura relevante no campo do jornalismo quer no Brasil, quer em Portugal.

### **Jaime Batalha e o jornalismo: um crítico exímio**

Jaime Batalha Reis foi um dos membros da chamada *Geração de 70*, inclusive em sua residência ocorreram algumas das reuniões informais do grupo. Esses encontros, a princípio meros debates, passaram a ganhar mais notoriedade e, como afirmou a pesquisadora Ana Nascimento Piedade, “traduziam-se pois em tumultuosas invectivas contra todos os sistemas e todas as instituições: contra a sociedade portuguesa da Regeneração”. Com a chegada de Antero de Quental ao grupo é que se tomaram rumos mais substanciosos àquelas prazerosas palestras. A mediação deste intelectual insuflou a consciência das potencialidades de intervenção desses jovens na sociedade portuguesa.





Nesse ambiente de vigoroso ânimo de transformação das mentalidades, nasce o projeto das “Conferências do Casino”, em Lisboa no ano de 1871 na chamada Sala do Casino Lisbonense. O entusiasmado, embora efêmero programa alcançou apenas cinco conferências já que as demais foram proibidas pelo Ministério presidido pelo marquês de Ávila e Bolama. Sendo assim, Batalha Reis não realiza sua conferência, intitulada “O Socialismo”, pois, juntamente com seus parceiros, era acusado de potencialmente disseminar ideias que insultavam o Estado e outras instituições. Publicação esta que procurou difundir os mesmos pontos de vistas das Conferências do Casino em relação à transformação ansiada para a sociedade portuguesa.

Importa destacarmos também que esse grupo de intelectuais contribuiu na relação entre a literatura e o jornalismo, por meio de textos publicados, inicialmente, em pequenos jornais e, posteriormente, também na *Revista Ocidental*, a qual Batalha dirigia juntamente com Antero de Quental. A parceria que Batalha Reis manteve, especialmente com Eça e Antero, levou-os a criar o primeiro Fradique Mendes, um heterônimo coletivo, que apareceu como um poeta satânico numa perspectiva baudelairiana, um espírito contrastante com a sociedade burguesa de Portugal. Um prospecto de ideal revolucionário daquele grupo inovador, do qual Batalha fez parte, que lançou esse personagem excêntrico nas páginas da imprensa portuguesa.

Crítico exímio, o jornalista e intelectual Batalha Reis seguiu carreira diplomática após ser aprovado em concurso para cônsul de primeira classe sendo nomeado para Newcastle na Inglaterra. Função esta que contribuiu para que construísse uma imagem da sociedade inglesa, por ele projetada em vários de seus artigos. Além disso, tem grande importância para os estudiosos devido à grande correspondência que trocou com grandes nomes, minuciosamente arquivada, favorecendo o acesso a importantes documentos para a caracterização dessa geração e das relações que Batalha estabelecera





também. Como afirma a pesquisadora portuguesa Teresa Pinto Coelho “A sua intensa e eclética actividade [*sic*] é atestada não só pela documentação diplomática mas também por inúmeros apontamentos, cartas, recortes de jornais que constituem o espólio E4 do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, da Biblioteca Nacional” (1997, p. 55).

Assim como Eça, Batalha Reis também escrevia para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, escritos que possibilitam ao Brasil, de modo facilitado e pormenorizado, acesso a aspectos da vida social, política e econômica europeia. No período em que cumpria as funções diplomáticas, além do jornal brasileiro, também escrevia para as publicações periódicas *A Ilustração*, *Revista de Portugal*, *O Repórter* crônicas sobre Inglaterra.

O longo período em que Batalha Reis esteve naquele país, devido às numerosas e diversificadas funções que exercia no campo da diplomacia, fez com que ele formasse impressões sobre a sociedade inglesa no que tange à cultura, às posturas políticas, aos seus hábitos. Tudo isso foi registrado em artigos que escrevia com um tom literário, à maneira queirosiana, passando a Portugal e ao Brasil, através de seus escritos, traços minuciosos do povo inglês. Esta característica de trazer um lugar ao outro, um povo ao outro, possibilitada pela imprensa, permitiu assim que retratasse, de maneira singular, excêntricos costumes do cidadão britânico.

### **Imagens de Inglaterra nas páginas da imprensa**

No período em que Jaime Batalha Reis esteve em contato direto com a sociedade inglesa, finais do século XIX e início do século XX, tanto por sua carreira diplomática quanto pela sua intensa participação em reuniões, conferências bem como na própria imprensa, ele se entregou, não sem um pouco de resistência, aos encantos e desencantos dos ingleses. Batalha, um





estrangeiro na ilustre Inglaterra, consegue se estabelecer neste território obviamente por seu cargo, mas também pela influência que possuía, pelos contatos que mantinha e pelos vastos conhecimentos que apresentava. Centrou, nas atividades de seu consulado, a defesa pelos interesses portugueses em África. Assim, produziu muitos artigos com primazia de argumentos para sustentar a importância de Portugal nas negociações sobre África.

Seu bom desempenho, oriundo de muito estudo, pesquisas e conhecimentos, lhe rendeu missões importantes, inclusive confidenciais, em outros países. Em resultado de sua intensa atividade na Inglaterra, Batalha pôde conhecer e compreender de forma mais profunda a sociedade britânica e assim fez, através de seus escritos, como o fizeram também seus compatriotas Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, a conhecer aos portugueses e brasileiros o altivo sujeito inglês. Os textos de Batalha Reis, contribuem de maneira significativa para pensarmos como se configura a imagem da sociedade inglesa vista pelo olhar do outro, do estrangeiro. Neste sentido, nos propomos a refletir sobre as imagens da Inglaterra construídas por Batalha Reis, em suas participações na imprensa brasileira e portuguesa.

Passamos a chamar de imagens, entendidas como um conjunto de ideias sobre o estrangeiro, posto que é pelo olhar do outro que nos é apresentada a sociedade inglesa. Refere-se então à ideia que um povo (português- Batalha Reis), no caso deste estudo em particular, tem do outro (ingleses). Conforme Machado e Pageaux (2001), em *Da imagem ao imaginário*:

*A imagem do estrangeiro deve ser estudada como fazendo parte dum conjunto vasto e complexo: o imaginário. Ou melhor, o imaginário social (expressão que fomos buscar aos historiadores) numa das suas manifestações específicas: A representação do outro. (MACHADO e PAGEAUX 2001, p. 51, grifos do autor).*





Destaca-se que Portugal, país de Batalha, estava em vias de disputa com a Inglaterra. Logo, mesmo imerso na cultura inglesa, o escritor não corta suas raízes, coisa impossível, já que nossas origens e costumes não se diluem de todo no contato com outra cultura. A identidade de origem sempre estará ali e, conseqüentemente, interferirá em nossos julgamentos.

Todavia, não podemos cair no erro de afirmar que a imagem dos ingleses desenhada por Batalha Reis é falsa, pois como explica Machado e Pageaux (2001, p. 51), “Incontestavelmente, a imagem é, até certo ponto, linguagem, linguagem sobre o *Outro*; neste sentido, ela retoma necessariamente uma realidade que designa e significa”. Portanto, não se trata de uma verdade sobre o outro, mas de uma verdade relativa, já que parte de um olhar isolado, desse modo é preciso levar em conta o que determina a criação desta ideia pelo escritor, pensando nele próprio e na própria sociedade a qual ele descreve.

Enfim, para compreendermos melhor esta questão utilizaremos como *corpus* de análise o texto *Aspectos Ingleses (Do diário de um residente em Inglaterra)*, publicado na revista *A Ilustração* em cinco (05) de abril de 1886 e assinado por J. Teixeira de Azevedo, pseudônimo de Batalha Reis. O texto de imprensa aborda o contexto inglês, retrata a cultura, os costumes, bem como o comportamento da sociedade inglesa, condensada na pessoa de *Misses Piróvano*, personagem fictícia, bem como seu esposo *Orazio Piróvano*. Na tessitura, há uma mescla de personagens fictícios e históricos, aspecto de muitos artigos de Batalha, uma história de caráter informativo, já que se trata de um texto narrativo de correspondência, com relevos literários. Diante disso, o escritor se coloca como o narrador da história que ele constrói para trazer a Portugal e Brasil um pouco da cultura inglesa.





Ao refletirmos sobre a proposta que Celeste Souza (2004) apresenta em seu texto intitulado *O que é imagologia*, observa-se que: “O primeiro estágio de uma pesquisa imagológica poderá ser o estudo imanente de um texto ou de uma obra literária que veicula imagens do próprio país ou de um país estrangeiro” (2004, p. 28), de modo que nosso olhar estará voltado para a imanência do texto, a fim de mostrar as particularidades da visão do escritor sobre o estrangeiro.

O texto inicia-se com uma descrição do campo inglês que fica na parte leste da ilha e que, segundo o narrador, é sem dúvida formosíssimo. O mesmo não acontece na parte que fica ao sul do rio, pois “é habitada, em volta das fábricas, pela miséria que mais trabalha” (REIS, 1886, p.25). Portanto, o escritor já introduz a ideia do contraste de lugares na Inglaterra, que é mais conhecida por sua indiscutível beleza, apresentando ele esse lado negativo. O eixo central do texto é um passeio que o narrador/correspondente faz à cidade de Londres, cujo objetivo é chegar a Chiselhurst, cidade onde ele conhecia umas três famílias. Entre estas famílias, havia a do seu grande amigo Orazio Piróvano, um italiano que se casara com a inglesa *Misses* Piróvano: eis o ponto de onde parte o escritor para delinear suas observações sobre o povo inglês.

*Misses* Piróvano é o ponto que configura, por seus hábitos e costumes, o cidadão legitimamente britânico, a começar pela tendência, conforme o narrador expõe, que a personagem tinha de horários específicos para cada atividade desempenhada, tudo era programado, de um modo praticamente imutável. Toda a sua rotina era metodicamente organizada e eventualidade alguma forçaria uma mudança em suas práticas. Seus horários não se alteravam, forçosamente, se preciso, todas atividades deveriam se cumprir nos mesmos horários todos os dias. Isso reforça uma característica histórica e cultural dos britânicos, a pontualidade.







Passemos a seu marido, Orazio Piróvano, italiano, portanto, estrangeiro. Como o narrador demonstra, tanto por dados de sua observação quanto pela própria voz da personagem, ela “desprezava no fundo seu marido” (REIS, 1886, p.27), justamente por ele não ser um inglês legítimo. Funciona ele, no texto, como um excelente ponto de contraste para observar aos ingleses. Deste modo, o escritor vai mostrando ao leitor os costumes dos ingleses, bem como sua atitude marcante de superioridade com relação ao estrangeiro, no decorrer do texto. Usamos o termo superioridade, pois é bem essa ideia que Batalha Reis passa a focalizar nas atitudes de *Misses* Piróvano com relação a seu próprio marido e ainda mais tendo em vista outros estrangeiros. Inclusive, dava a entender que estes eram vulgares e, portanto, pouco respeitáveis.

Durante o passeio que *Misses* Piróvano fez com o narrador ela propôs-lhe “explicar” a Inglaterra: destacamos aí a estratégia narrativa do escritor, que parece se isentar do que descreve sobre a Inglaterra, já que quem conta é uma filha desta terra. Nesse entremeio do texto é que surgem, na descrição detalhada da inglesa, as personagens históricas sempre lembradas com orgulho e um marcante adjetivo, como exemplo o “ilustre Camden”.

Nesse sentido, a personagem central inglesa construída por Batalha Reis exibe um ego nacionalista, uma evidente superioridade em relação a quem quer que não seja de solo inglês. Para ela as coisas de Inglaterra são as coisas do mundo. Quando se tratava de uma personalidade que não fosse inglesa demonstrava desdém, usava, como aponta o narrador, “um tom desprezador”. Enfim, esse é um dos aspectos mais marcados por Batalha em relação ao povo inglês, a crença na supremacia de sua nacionalidade.

Percebemos, dessa maneira, que Jaime Batalha Reis, ao construir seu texto de imprensa, busca traduzir a Inglaterra e seus habitantes tais como vistos e concebidos por *Misses* Piróvano. Nesse caso, é importante relembrar





o que propuseram Machado e Pageaux (2001, p. 51), que “a imagem é, portanto, o resultado de uma distância significativa entre duas realidades culturais”, visto que, de fato, temos um português exibindo, na representação que faz do outro, uma sensível distância cultural.

Assim, podemos inclusive deduzir que Batalha se defende de uma possível hostilidade inglesa, por configurar uma visão, de certo modo, negativa das atitudes britânicas, principalmente em relação aos estrangeiros. É como se Batalha trouxesse o eu (Inglaterra) falando do outro (os não ingleses), quando ele, através do texto, é que é o “eu” observador.

O mesmo trabalho ele faz num outro texto *Elementos para o estudo da fisionomia do povo inglês*, publicado em dois de janeiro de 1888 em *O Repórter*. Neste artigo, o escritor faz algumas comparações do sujeito inglês com o português, obviamente fazendo sobressair o segundo sobre o primeiro, portanto ressaltamos mais uma vez que esses textos de correspondência eram pensados não para o público inglês e sim para o público estrangeiro (Brasil e Portugal). Por isso, cabe refletirmos sobre a discussão desenvolvida por François Hartog (1999, p. 229), em *Uma retórica da alteridade*: “Um narrador, pertencente ao grupo *a*, contará *b* às pessoas de *a*: há o mundo em que se conta e o mundo que se conta”. Dessa forma, devemos compreender que são esferas diferentes, a Inglaterra em si e a Inglaterra vista por Batalha Reis. Não convém pensarmos erroneamente que se trata de um simples repúdio de Batalha aos ingleses, mas resultado de anos de trabalho e convivência direta com a sociedade britânica, o que o leva a construir, pela experiência, uma imagem dessa mesma sociedade, a que esteve intimamente ligado.

Importa destacarmos o posicionamento do narrador que Batalha Reis constrói nesses seus textos de imprensa, pois na medida em que “ouve” *Misses Piróvano* vai se colocando no texto. Desse modo, apresenta sua opinião,





implicitamente, sobre as personagens históricas, bem como sobre os assuntos que dizem respeito à Inglaterra. E ao se colocar como crítico, ele ironicamente recorre à ironia, pelo uso de adjetivos ou pelo modo como apresenta assuntos e personalidades de seu país:

E eu olhava com curiosidade para a respeitável senhora que tinha sobre todas as coisas que interessavam a Inglaterra a opinião de que eram as mais interessantes para o mundo inteiro. Eu estava deliciado de escutar aquela página de história, tão caracteristicamente vista através do patriotismo inglês e não queria interromper as preciosas revelações. (REIS, 1886, p. 28).

Observa-se também que ele faz uma desconstrução da imagem “utópica” de que a Inglaterra é um lugar de perfeição e que as maiores figuras da história mundial saíram de lá. Esta particularidade de Batalha Reis, lembra-nos o modo como Eça de Queirós constrói a imagem da Europa a partir do texto *A Europa em resumo* (1892), publicado no *Suplemento Literário* da *Gazeta de Notícias*, em que o escritor mostra naquele texto jornalístico as duas facetas da Europa.

Na perspectiva queirosiana, entre as cinco partes do mundo, a Europa é a mais interessante, “só ela, entre todos os continentes, constitui na realidade um continente geral de instrução e recreio” (QUEIRÓS, 1892, p. 231). Mas, também é a nação que conserva a antiga e desgraciosa estrutura social, isto é, “burgueses por cima e plebeus por baixo”.

Conforme observamos, em Eça de Queirós, a Europa se divide em dois panoramas, o da beleza, que é reconhecido de todos, e o seu avesso, o lado negativo dos bastidores. Ainda nesta perspectiva, Eça compara a Europa como o mais delicioso dos teatros públicos e o continente mais interessante, ao mesmo tempo que não é o continente mais habitável, por vários fatores desfavoráveis como ele bem pontua. E para finalizar suas considerações, Eça afirma que para melhor “saborear sem desilusão esta tão interessante Europa,





é necessário estar longe, no Texas – ou algures, além dos mares” (*Ibidem*, p. 234).

Percebe-se uma aproximação entre os dois textos de Eça de Queirós e Batalha Reis evocados, no que diz respeito ao modo como eles constroem a imagem dos ingleses. O diferencial diz respeito ao modo como os autores elaboram os textos. Enquanto Eça, fala da Europa de um modo geral, em Batalha Reis o narrador em primeira pessoa tece um diálogo com a personagem *Misses* Piróvano, dando voz a uma personagem que fala da sua própria nação, a Inglaterra. Neste sentido, o texto reproduz, por assim dizer, o discurso do outro, outro entendido como participante do contexto que o jornalista/narrador está a representar. Em Batalha Reis, portanto, dois pontos de vista se justapõem: o do narrador e o da personagem.

Ao aproximarmos a experiência de Batalha Reis à de António Feijó, que veio a nosso conhecimento pelo texto *Imagens de um poeta e cônsul diplomático: o Brasil visto por António Feijó* de José Cândido de Oliveira Martins, percebemos que Batalha, diferentemente de Feijó, que esteve na mesma situação que ele, cumprindo funções diplomáticas em outro país, não demonstrava em seu texto um espírito saudosista. Obviamente, António Feijó sofreu uma mudança mais drástica, pois foi para outro continente já que foi cônsul no Brasil onde se sentiu desterrado. O que justifica juízos de valor que forma do Brasil, decorrentes de um contato que é fruto de uma experiência não muito desejada por António Feijó.

Percebemos que nos textos de Batalha não se instaura um discurso nostálgico como nos daquele diplomata, mas uma postura mais crítica, mais confrontadora ao olhar o outro.

Por isso, Batalha Reis não hesita ao produzir uma *Misses* Piróvano exaltada ao falar sobre seu povo e enfadada ao ter que tolerar o estrangeiro no seu espaço, com um patriotismo exacerbado e certa xenofobia, com um





ego inflado e como bem descreve o escritor “cheia do legítimo orgulho de se sentir inglesa” (REIS, 1886, p.32). Assim, o escritor presentearia seus leitores com um perfil representativo e característico de Misses Piróvano, delineado a partir da montagem muito bem conseguida de seu discurso para que possamos com ele refletir e criticar sobre o inglês tão irônica e eficazmente representado.

### Referências

- COELHO, Teresa Pinto. **Jaime Batalha Reis, Diplomata na Inglaterra Vitoriana**. Revista de Estudos Anglo-Portugueses, nº 6 – 1997, p. 53-69.
- HARTOG, François. Uma retórica da alteridade. In: **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MACHADO, Álvaro Manuel. PAGEAUX, Daniel-Henri. Da imagem ao imaginário. In: **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Presença, 2001, p. 48-66.
- MARTINS, José Cândido de Oliveira. **Imagens de um poeta e cônsul diplomático: o Brasil visto por António Feijó**. Universidade Católica Portuguesa. Limite nº 5, 2011, p. 115-132.
- PIEIDADE, Ana Nascimento. Parte II. Sobre a geração de 70 e a geração do *Orpheu*, p. 147. In: **Outra Margem**. V. PDF – CID anca. Disponível em [www.https://ancacid.yolasite.com/resouces/PIEIDADE,%20Ana%20Nascimento.%20Outra%20Margem.%20V.pdf](http://www.https://ancacid.yolasite.com/resouces/PIEIDADE,%20Ana%20Nascimento.%20Outra%20Margem.%20V.pdf). Acessado em 08 de março de 2017.
- QUEIRÓS, Eça de. **A Europa em resumo**. O nosso Suplemento. *Gazeta de Notícias*, 18 de janeiro de 1892.
- REIS, Jaime Batalha. **Aspectos Ingleses. Diário de um Residente em Inglaterra**. Allustração: Revista de Portugal e do Brasil. 1886, 5-abr, v. 3, n. 7, pp. 102-110.





---

\_\_\_\_\_. **Elementos para o estudo da fisionomia do povo inglês.** *O Repórter*. Lisboa, 2 de janeiro, 1888. Reproduzido em Marinho, M.J. (1988), p. 35-39.

\_\_\_\_\_. **Revista Inglesa (Crônicas).** Organização, Introdução e notas de Maria José Marinho, índices de Júlia Ordorica. Lisboa, Publicações Dom Quixote/ Biblioteca Nacional, 1988.

SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro. “O que é imagologia?”. In: **Do cá do lá: introdução à imagologia.** – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

